

ESTUDOS SARAMAGUIANOS

**JOSÉ SARAMAGO
ENTRE A HISTÓRIA
E A FICÇÃO:
UMA SAGA DE
PORTUGUESES**





ESTUDOS SARAMAGUIANOS

JOSÉ SARAMAGO ENTRE A HISTÓRIA E A FICÇÃO: UMA SAGA DE PORTUGUESES

Teresa Cristina Cerdeira



© Moinhos, 2018.

© Teresa Cristina Cerdeira, 2018.

Edição: Camila Araujo & Nathan Matos

Assistente Editorial: Sérgio Ricardo

Revisão: LiteraturaBr Editorial

Diagramação e Projeto Gráfico: LiteraturaBr Editorial

Capa: Luís Otávio

Imagem de capa: Fundação José Saramago

Conselho Editorial:

Manuel Frias Martins

Horácio Costa

Ana Paula Arnaut

Gerson Raoni

Sandra Ferreira

Pedro Fernandes

Nesta edição, respeitou-se o *Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa*.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

C413j

Cerdeira, Terese Cristina

José Saramago entre a história e a ficção: uma saga de portugueses / Teresa Cristina Cerdeira.

Belo Horizonte, MG : Moinhos, 2018.

296 p. : il. ; 15,5cm x 22,5cm. - (Coleção Estudos Saramaguiano)

ISBN: 978-85-45557-50-0

1. Literatura portuguesa. 2. História. 3. Saramago, José, 1922-2010. I. Pedro, Fernandes. II. Título. III. Coleção.

2018-1451

CDD 869

CDU 821.134.3

Elaborado por Odilio Hilario Moreira Junior — CRB-8/9949

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura portuguesa 869
2. Literatura portuguesa 821.134.3

Todos os direitos desta edição reservados à Editora Moinhos
editoramoinhos.com.br | contato@editoramoinhos.com.br

A meus pais,

DALMO e IZABEL,

porto-sempre-seguro de um passado que fundou em harmonia
a minha vida.

a você, EDSON,

porto feliz dos encontros de cada dia. onde o presente me ensina
que, com ondas e calmaria, é preciso navegar.

a ADRIANA e DANIELA.

minha orgulhosa certeza de ficar. de permanecer além do pre-
sente vulnerável. num futuro de insondável magia.

o meu amor.

a minha gratidão.



Para CLEONICE BERARDINELLI,

Mestra com quem o meu coração quer aprender a serenidade,
pelas lições inesquecíveis que me fizeram crer que entre o saber e o
sabor não pode haver hiato possível, a minha gratidão, para sempre.



Ao longo do caminho houve quem representasse, por razões diversas, elos especialmente brilhantes na cadeia de minha vida:

DIVA VASCONCELLOS ROCHA,

pela surpresa do início na aula reveladora que magicamente desdobrou, diante dos meus olhos principiantes, as múltiplas vozes da poesia.

GILDA DA CONCEIÇÃO SANTOS,

pela amizade de irmã, nas suas raízes – colega e companheira – que leu comigo e quis crescer junto pela literatura e pela vida.

MARIA ARMINDA FALABELLA DE SOUSA-AGUIAR,

pela sua presença ainda hoje em mim vitoriosamente viva, força, segurança e luminosa serenidade, que me anima a partir em busca de um modelo, sempre adiado, mas nunca perdido.

Lembrá-las aqui é o meu modo de agradecer.



Agradeço

Ao GOVERNO FRANCÊS,

pela concessão de uma bolsa de estudos, que possibilitou pesquisas fundamentais para esta tese no Collège de France.

Ao Professor GEORGES DUBY,

por sua orientação precisa sobre a bibliografia da Nova História e, mais ainda, por sua atenção renovada sempre que as minhas inquietações de não especialista me faziam hesitar e temer.

A JOSÉ SARAMAGO,

os encontros feitos de conversas enriquecedoras, os livros carinhosamente enviados, mas, sobretudo, o seu texto, maravilhosa descoberta que fez da elaboração desta tese uma aventura de prazer.



SUMÁRIO

"NÓS VIVEMOS DENTRO DE UMA POSSIBILIDADE DE VER QUE
É NOSSA" 17

1 INTRODUÇÃO 24

2 O MEMORIAL DO CONVENTO OU A HISTÓRIA DA REPRESSÃO
DA UTOPIA 32

3 O ANO DA MORTE DE RICARDO REIS: ENTRE O FINGIR E O
EXISTIR NOS LABIRINTOS DA HISTÓRIA 108

4 LEVANTADO DO CHÃO: NO MAR DO LATIFÚNDIO, UMA
EPOPEIA CAMPESINA 202

5 À GUISA DE CONCLUSÃO: UMA LEITURA DA HISTÓRIA NA
VISÃO DOS SEM-HISTÓRIA 280

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 286



*É preciso deixar de fazer História de Portugal para
se começar a fazer a história dos portugueses.*

JOSÉ SARAMAGO
(frase pronunciada no auditório da Faculdade
de Letras da UFRJ em 1984, durante um
debate com escritores portugueses)

*Escrever não é outra tentativa de destruição, mas
antes a tentativa de reconstruir tudo pelo lado de
dentro, medindo e pesando todas as engrenagens, as
rodas dentadas, aferindo os eixos milimetricamente,
examinando o oscilar silencioso das molas e a
vibração rítmica das moléculas no interior dos aços.*

JOSÉ SARAMAGO
Manual de pintura e caligrafia



“NÓS VIVEMOS DENTRO DE UMA POSSIBILIDADE DE VER QUE É NOSSA”

Quando publicou o primeiro romance José Saramago talvez estivesse tomado da mesma ansiedade dominante dos sentidos de todo aquele que desde muito cedo é movido pelo ímpeto do literário e almeja ver-se realizado através de um livro. Tinha vinte e quatro anos e devia contar mais com o espírito afoito da juventude, que o parcimonioso que só adquirimos na alvorada da maturidade; tanto que aceitou de prontidão substituir o título da “história de uma senhora viúva” por *Terra do pecado*, embora nunca tenha se acostumado a ele. Mais tarde, ele próprio recordaria o que possivelmente havia se passado nos bastidores para depois demovê-lo do nome original para a obra: a Editorial Minerva, que assumiria o interesse da publicação embora os originais tivessem sido entregues à Parceria António Maria Pereira, tinha *A viúva* como desinteressante à curiosidade imediata dos leitores. É que apesar de escrever poemas e contos, gesto de toda a década de sua estreia como escritor e pelo menos as três seguintes, e embora alguns desses primeiros textos figurassem em revistas e jornais, outro agravante contribuía, segundo a editora, para o problema de um título inapropriado, porque sem atrativo comercial: o desconhecimento sobre o autor.

Nos anseios do jovem escritor devia passar também as flores do primeiro ou do reconhecimento imediato. Mas, o romance passou despercebido na cena cultural. Se não saber quem era o seu autor constituía um fator determinante para o silêncio, uma série de outros elementos terá contribuído para queimar a largada entusiasta ou o desafio assumido ainda adolescente à roda de amigos. É que *Terra do pecado* se mostra uma emulação das leituras realizadas pelo escritor nas horas noturnas na Biblioteca Municipal do Palácio das Galveias, desde quando descobre a poesia de Ricardo Reis, heterônimo de Fernando Pessoa em quem primeiro acreditou ser um poeta com existência jurídica comprovada; bebe, sobretudo,

do realismo de Eça de Queirós: na mesma linha da narrativa de *O primo Basílio*, por exemplo, aparece aí, uma criada cujas feições e gestos muito se assemelham à Juliana e o imbróglio do amor proibido, tal como o de Luísa e Basílio, acontece entre uma jovem e seu cunhado. Leu-se mais tarde, apressadamente, que esta obra se filiava à linha do que se praticava em Portugal na época: o neorrealismo. Não bastasse o problema de corte anacrônico, porque o romance de 1947, vê-se, não tinha nada de neorrealista, neste período, os nomes fundamentais desse movimento dominavam a cena portuguesa e, de outra parte, a literatura flertava com o idioleto surrealista.

Este silêncio que se fez em torno da obra de estreia se repetirá durante longo tempo. José Saramago publicava – não mais romances porque entre o de estreia e *Manual de pintura de caligrafia*, que assinala uma retomada nesta forma literária, se passará mais de três décadas. O retorno, entretanto, era mingua. Outros problemas agravavam-lhe a ignorância contra sua obra. Era parte numa sociedade de círculos muito fechados e mantidos à base de um certo *status quo* financeiro e intelectual, atributos dos quais era, à vista dos dominantes, um carente. Talvez por isso, quase tudo na biografia do escritor, por sua condição social, exceto a força de vontade para o literário, se passou tarde. O que nos leva ainda a conjecturar que Saramago dedicou à literatura sério interesse – desde sempre; sabia, portanto, que o tempo lhe garantiria a formação fundamental esperada de todo criador.

Na altura da construção de seu nome para o Prêmio Nobel, apesar de haver vencido essas barreiras, em parte impostas do mercado, ainda rareava uma bibliografia que garantisse o respaldo acadêmico sobre sua obra; era comentado pela imprensa, lido e traduzido, mas não dominava certo receio das universidades em estudá-lo. Parte disso se devia também ao contexto: foi válido durante muito tempo entre os estudos literários a ideia de consolidação da obra como garantia para as abordagens acadêmicas, e, por sua vez, essa estabilidade só se alcançava depois da morte do escritor. Saramago, portanto, está entre os que contribuíram para a academia se desfazer

desta visão. Os tímidos estudos iniciais sobre as obras mais lidas, traduzidas e comentadas logo abriram lugar e mais pesquisadores se encontraram interessados no projeto literário e criativo do escritor. Depois da atribuição do galardão pela Academia Sueca, a condição da crítica especializada em torno de sua literatura era outra.

O escritor, talvez pelo árduo trabalho de ruptura com os cercos, sempre foi levado a desconfiar se o interesse repentino não era mero modismo em torno de uma obra que é a primeira em língua portuguesa galardoada com o mais importante dos reconhecimentos; ao menos é o que parece ao dizer que depois do prêmio recebido em dezembro de 1998 cumpriria com um sabático ano de *Miss* e logo tudo voltaria ao turno de sempre. Se isso se confirmou com outros escritores, não foi caso com ele.

Em algumas entradas para os *Cadernos de Lanzarote*, diários que escreveu desde quando se mudou para esta ilha nas Canárias, se mostra atento aos estudos que se formavam sobre sua obra e as ousadas abordagens – um reconhecimento de que a diversidade dos trabalhos não fora apenas um *boom* instantâneo; ali nascia-lhe outra vida. E, desde então, a multiplicação da quantidade de títulos de sua bibliografia passiva, entre resenhas, ensaios, artigos científicos, monografias, dissertações, teses e livros se manteve. Ao ponto de ser agora uma tarefa fadada ao fracasso determinar ao certo todas as publicações e as abordagens; e esse crescimento parece estar longe de findar se se considerar a recepção positiva e acolhedora recebida pelas sucessivas traduções de sua obra ao redor do mundo.

A Coleção Estudos Saramaguianos nasce num dos territórios mais férteis e propícios ao estudo da literatura de José Saramago. Extensa variedade dos estudos publicada antes e depois do Prêmio Nobel são de pesquisadores brasileiros; a variedade de reedições, contínuas, de sua obra, a quantidade de pesquisas em curso e a realização de uma revista exclusivamente dedicada à sua literatura também são elementos que permitem afirmar com alguma certeza que estamos diante um dos escritores mais lembrados e lidos no Brasil.

Trata-se de uma coleção interessada em responder pelo possível anseio de juventude do escritor em ser o autor de um trabalho

reconhecido e importante para a comunidade humana. Inscrita neste círculo de afetos possíveis, forma parte no amplo circuito da crítica sobre sua obra. Não tem a ambição de contornar as fronteiras desse universo, mas apresenta-se interessada em compor um painel multissignificativo; o suficiente para mostrar às várias gerações de leitores que agora descobrem ou redescobrem a literatura de Saramago outros leitores também de gerações e lugares diversos que decidiram levar um pouco mais adiante a tarefa da leitura. Por isso, se propõe apresentar alguns estudos considerados fundadores da crítica saramaguiana e a aparição dos seus herdeiros diretos ou indiretos e daqueles que possivelmente inauguram outros meandros para o estudo dessa obra.

Este é, portanto, uma nova guinada do que agora podemos chamar de sobrevida do escritor, esta constituída pela atividade criativa dos leitores da sua obra. As abordagens que formam os estudos contemplados nesta coleção são diversas porque uma obra de igual plurissignificação não se reduz aos meandros de uma ou outra crítica. Assim, os estudos privilegiados nesta coleção são os que acrescentam à compreensão e à contínua ampliação das fronteiras do universo literário saramaguiano.

José Saramago entre a história e a ficção: uma saga de portugueses trata-se, como sabemos, de um texto recorrente em toda bibliografia básica sobre a obra do escritor português. Sua apresentação na abertura da Coleção Estudos Saramaguianos, portanto, responde por algumas singularidades: as que estão no cerne da ruptura incitada pela presença reiterativa no âmbito dos estudos literários de uma obra em construção, episódio que, como dito, se confunde com o aparecimento das pesquisas de maior fôlego com a literatura de José Saramago e o de consolidação de uma linha crítica que, devido a recorrência e amplitude global das abordagens, agora se insinua com o designativo deste conjunto de textos do qual o trabalho de Teresa Cristina Cerdeira ocupa parte fundamental.

O estudo que deu origem a este livro foi concluído em 1987 e a sua publicação ocorreu dois anos depois, em Portugal. Entre o ano de sua primeira edição e agora se passaram quase três décadas; e, apesar de nascido no Brasil, fruto de uma tese orientada pela professora Cleonice Berardinelli, passado tanto tempo, é, por aqui, inédito. Corrige-se, assim, uma grande lacuna entre as publicações acadêmicas sobre a literatura de Saramago.

Se no princípio, este trabalho de Teresa Cristina Cerdeira se situa entre os inéditos de então e por isso sempre um dos primeiros de todo estudo sobre a obra a que se dedica, a partir de agora, alcança pela força do tempo, o lugar de uma das leituras que melhor ilumina um dos aspectos formativos do universo criativo saramaguiano: a relação entre história e ficção, *leitmotiv*, força-motriz, constituinte formal e estrutural não apenas para o período de sua criação que o situaria entre os mais significativos romancistas do século XX, contra todo preconceito em volta dessas relações na prosa romanesca, como o lugar, por assim dizer, para qual sempre retornou. Não custa lembrar seus últimos romances – *A viagem do elefante* e *Caim*.

Essa recorrência nunca abandonada pelo escritor, entretanto, estava longe de filiar a obra no âmbito da literatura vulgar ou de servir de um retorno aos propósitos de uma resistência oriunda de um realismo tardio que ensejava os modelos estabelecidos no alvorecer da constituição do romance enquanto forma narrativa. É que o lugar da história na ficção de Saramago é o de estabelecer um nó questionador acerca das verdades estabelecidas pelo poder e pelo discurso oficial, alçando para o centro da arena, os sujeitos que, na composição de uma visão absoluta, foram negados voz e presença entre os fatores das transformações sociais, os da “arraia-miúda”. Isto é, a composição das histórias silenciadas trazidas na ruptura com instituído enquanto possibilidades na bateia das significações. A construção de outra história: mais autêntica porque colorida sua atmosfera pela imaginação fabuladora e a proximidade com a variedade de pontos de vista dos extratos constituintes da realidade -categoria, para o escritor, sempre passível de alteração (em alguns

casos, de necessária revisão) porque determinada por um ponto de vista, logo por uma maneira de ver plural e não utilitarista e fechada como quer os discursos oficiais.

Há neste exercício não a tentativa de substituição do instituído pela verossimilhança, mas o de revelação sobre as determinantes envolvidas no processo de constituição da história, que este obedece às mesmas escolhas fundamentais a qualquer exercício ficcional: são produtos de um modo de ver e de uma matriz ideológica. Ao instaurar o questionamento pela história que poderia ter sido o romancista nos implica como sujeito que não pode se omitir na tarefa contínua de questionamento e revisão dos dizeres; nisso, reside uma atitude ética que Saramago assumiu com muita propriedade ao longo de sua trajetória: a de propiciar a relatividade das formas onde antes parecia imperar o dogma.

José Saramago entre a história e a ficção: uma saga de portugueses estabelece a leitura comparada de três romances de José Saramago que ao olhar da crítica é sempre apresentado como os mais importantes de uma bibliografia que, contrariamente a de outros grandes escritores, não se compõe apenas por um, dois ou três títulos de maior envergadura. São eles: *Levantado do chão* (1980), *Memorial do convento* (1982) e *O ano da morte de Ricardo Reis*, publicado três anos antes do final da escrita desta pesquisa. O que os une nesta abordagem é o fato de servirem a aventura da história do povo português no terreno da ficção, ou como quis o próprio escritor, que sempre problematizou o imperativo de romancista histórico, “meter a História no romance”, uma história outra sempre alimentada pela interrogação *e se* ou pela interposição da negativa frente ao estabelecido. Esse embate introduzido na obra de um dos mais importantes escritores da literatura universal é perscrutado ao longo deste livro que reconhece na *nouvelle histoire* a influência sobre o universo criativo de Saramago pelo contato que sua ficção assume com o discurso de revisitação da história pelo olhar dos que dela foram excluídos.

Num contexto em que as verdades são voláteis e prescindem da lucidez dos sujeitos para encontrar o fio possível de explicar

Teresa Cristina Cerdeira

a realidade ou ainda que se apresentem estratégias variáveis interessadas em apagar a pluralidade do histórico e fazer prevalecer a continuidade de um ponto de vista global e imutável, abordagens com a perseguida por Teresa Cristina Cerdeira neste estudo se mostram muito atuais. Ao lado do compromisso ético de Saramago em fazer-nos indivíduos voltados para a ruptura com os sectarismos institucionalizados e capazes de nos situar pela ação enquanto sujeitos na e da história, o exercício intelectual aqui apresentado responde significativamente por uma urgência de nosso tempo: a de não aceitar a realidade que nos impõem por escrutinar que esta é pura significação e uma vez tornada irreparável um puro embuste.

Pedro Fernandes de Oliveira Neto

* O título deste texto é uma fala de José Saramago colhida no documentário *José e Pilar* (Miguel Gonçalves Mendes, 2010).